

UMA REFLEXÃO SOBRE A CRÍTICA DE HANNAH ARENDT AO CONCEITO DE TRABALHO DE KARL MARX

*A REFLECTION ON THE HANNA ARENDT'S CRITICISM
TOWARDS KARL MARX'S CONCEPT OF WORK*

Tiago Nilo¹

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre a crítica de Hannah Arendt, realizada em sua obra *A condição Humana* (1958), ao conceito de trabalho de Karl Marx. Tal exame discorrerá em dois pontos: a análise da crítica (dividida em três aspectos, a saber, a confusão entre fabricação e labor, o processo metabólico como valorização da vida biológica e a concepção antropológica do animal que labora na filosofia de Karl Marx) e, em seguida, uma reflexão sobre tal crítica.

Palavras-chave: Trabalho. Labor. Fabricação. Vida biológica. Animal laborans.

Abstract

*This article aims at reflecting on Hannah Arendt is criticism held in his pice *The Human Condition* (1958), towards of Karl Mar's concept of work. Such examination will rely on two points: the analysis of criticism (divided into three aspects that is, the confusion between manufacturing concepto f the animal who labors on Karl Marx's Philosophy) and the reflection on such criticismo.*

Keywords: Work. Labor. Manufacturing. Biological life. Animal laborans.

¹Mestre em filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos. tnilo@unisinos.br

INTRODUÇÃO

Conforme as estimativas do OIT² existe, em pleno século XXI, mais de doze milhões de pessoas que sofrem com o trabalho escravo em todo o planeta Terra. Conforme tais informações, somente na Ásia e na Oceania, se concentram 9.490 milhões de pessoas nesta situação. A partir destes tristes dados questionamos o que seja um trabalho livre ou um trabalho envolto na servidão. Isto é, um trabalho que apenas garanta minha sobrevivência é um trabalho livre? O que é um trabalho livre? O que é um trabalho subjugado? O que é o fenômeno humano do trabalho? O problema do trabalho seja de ordem semântica ou de sua efetivação historicamente situada, nos insere em tais questões. Pensar a atividade do trabalho de um modo filosófico é um compromisso relevante para a vida que os seres humanos partilham em comum. Certamente, a atividade do trabalho revolucionou a vida dos seres humanos desde o período neolítico até a era digital. Porém, somente na modernidade, mais precisamente na efervescência da revolução industrial, é que este fenômeno humano ganhou as devidas atenções teóricas. Obviamente, os acontecimentos históricos contribuíram com isto, caso pensarmos, por exemplo, na passagem da produção artesanal para a manufatureira, e desta, para a produção mecanizada e global, percebemos que a elucidação em torno do significado e da efetividade do trabalho se desviou da reflexão a respeito de tal fenômeno humano para teorias científicas de gerenciamento produtivo. Nosso intuito é considerar tal atividade por meio da crítica arendtiana a respeito do conceito de trabalho, desenvolvido por Karl Marx. Pretende-se, portanto, averiguar esta polêmica que provocou um ‘agradável terremoto’ na filosofia política. Nossa investigação é bem específica: refletir sobre a crítica de Hannah Arendt a categoria de trabalho que se encontra no capítulo III da obra *A condição humana* (1958), na qual Arendt critica Marx por ter confundido a atividade do trabalho (labor) com a atividade de fabricação (work). Primeiramente apresentaremos a crítica de Arendt para que, em seguida, possamos realizar uma reflexão em torno de tais argumentos.

Amparar-se no ombro de dois gigantes, como é o caso de Karl Marx e Hannah Arendt, significa refletir sobre as ideias de dois grandes pensadores da filosofia política dos dois últimos séculos. Trata-se, portanto, de abordar dois pensadores que não somente teorizaram uma época, mas atravessaram-na. Karl Marx submerso na revolução industrial do século XIX e Hannah Arendt, da mesma forma, na segunda guerra mundial do século XX. Ambos viveram dois momentos históricos diferentes no continente europeu, possuindo, também, referenciais diferentes para se pensar a filosofia política. Conforme a perspectiva arendtiana, na era moderna a realização humana se dá no e pelo trabalho, assim, o ideal do ser humano moderno passa a ser o trabalhador e, neste aspecto, segundo ela, Marx fora seu maior teórico. Podemos argumentar que, o que está em jogo na discussão de Arendt com Marx é a concepção de ser humano. Para ela, Marx define o ser humano como um *animal laborans*, um animal trabalhador que realiza esta atividade com o intuito de ‘ganhar a vida’ e manter a sobrevivência da espécie. Tal concepção reduz o ser humano ao processo biológico da natureza descrevendo tal atividade como um acontecimento natural e não como sendo a criação de um mundo artificial e humano. Ou seja, Marx confundiu, segundo Arendt, *arbeiten* e *werken*, *ponere* e

² Organização Internacional do Trabalho. Para maior aprofundamento destes dados, conferir <www.oitbrasil.org.br> ou a revista Nova Escola, ano XXV, nº 231, abril de 2010.

ergazesthai, o *labore* com o *facere*, o labor e a fabricação. Assim, mesmo apresentado dados tão cruéis no início deste artigo, esperamos que o leitor possa extrair frutíferas reflexões acerca de tais temas.

A INDISTINÇÃO CONCEITUAL DO TERMO TRABALHO, COMO ATIVIDADE DE FABRICAÇÃO E COMO ATIVIDADE DO LABOR

Conforme Hannah Arendt, muitos intelectuais modernos confundiram a atividade do trabalho como labor com a atividade do trabalho como fabricação. Isto se deve ao crescente aumento da produtividade na era moderna que, desde a Revolução Industrial, negligenciou tal distinção e elevou o labor à mais digna atividade humana, substituindo, assim, o *homo faber* (o artesão) pelo *animal laborans* (o operário) (ARENDR, 1997, p. 98). Tal indistinção, portanto, está fundamentalmente presente na própria natureza da era moderna: os objetos de uso perderam a sua durabilidade no mundo e tornaram-se objetos de consumo, assim como ocorrera a glorificação da labuta no processo biológico e o esquecimento do mundo em comum - o processo de produção assume as características da atividade do trabalho como labor. Conforme Arendt, talvez alguns estudos modernos sejam alusivos no que tange à distinção entre labor e fabricação, pois a distinção entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo permeia esta questão.³ Na antiguidade, a labuta do escravo era exigida pela mera subsistência, para o consumo isento de esforço e não para a produção, como ocorrera com o operário na era moderna. Isto é, o que o escravo deixava em troca do que consumia era a sua liberdade e não sua força de trabalho (*labor Power*)⁴. Com a divisão do trabalho o que é comprado e vendido não é uma qualificação singular, mas a força de trabalho (*labor Power*) (ARENDR, 1997, p. 98). Assim, a atividade de fabricação fora abandonada em prol da atividade do labor. As máquinas conduzem os seres humanos a um ritmo infinitamente mais rápido de repetição, de movimento ritmado e progressiva aceleração. A exploração da gigantesca produtividade da força humana de labor (*labor Power*) não diz mais respeito à qualidade ou ao caráter das coisas que ela produz. Tal atividade se fundamenta na manutenção do ciclo vital da humanidade, pois nada possui de durável para o mundo. E as transformações que se estabeleceram na produção moderna, sacrificaram a durabilidade e a estabilidade em favor da abundância e da felicidade. Os ideais do *homo faber* foram substituídos pelos ideais do *animal laborans* - nascia o consumismo. Arendt compreende, portanto, que a produção está assentada no “trabalho não-qualificado”, uma característica da atividade do labor. O ofício de carpinteiro, por exemplo, não é tão relevante para a produção quanto à “força de trabalho” (*labor Power*) de um operário⁵.

³ “(...) tanto Smith quanto Marx, menosprezavam o trabalho improdutivo, classificando-o de parasitário, uma espécie de perversão do trabalho, que se fosse indigno deste nome toda atividade que não enriquecesse o mundo”. ARENDR, 1997, p. 98.

⁴ Para ARENDR, 1997, p. 100, Marx compreendera muito bem que com a divisão do trabalho, todo trabalho ‘qualificado’ seria abolido. Por isto, segundo ela, na humanidade socializada de Marx toda atividade humana se tornaria labor, pois as coisas não são mais concebidas a partir de seu caráter mundano, “(...) mas como resultados da força viva do labor, como funções do processo vital”.

⁵ Com a mudança da produção artesanal para a produção manufatureira e desta para a automatizada, alteraram-se não apenas a quantidade de produtos fabricados, mas, também, a natureza do processo de produção e dos bens produzidos. “Parece que a distinção entre labor e trabalho, que os nossos teóricos tão obstinadamente desprezaram e nossas línguas tão aferradamente conservaram, torna-se realmente apenas uma diferença de grau quando não se leva em conta o caráter

O labor é pura necessidade, é responsável por suprir as mais imediatas necessidades humanas provenientes do processo biológico. Enquanto que a fabricação é o rompimento com o ciclo natural, é o que possibilita a construção dos objetos, os quais os seres humanos utilizam para construir o seu mundo cultural. A condição humana do labor é a própria vida, pois é uma atividade direcionada para a sobrevivência da espécie, não tendo, portanto, nem fim nem começo determinado⁶. A condição humana da fabricação é a mundaneidade, pois é uma atividade direcionada para a construção de objetos duráveis, condicionada, portanto, pelas categorias de meios e fins. Ela é capaz de produzir um mundo estável de objetos e artefatos duráveis⁷. O que está em jogo na atividade do labor é a sobrevivência, enquanto que a atividade da fabricação gera independência pessoal (ARENDR, 1997, p. 92-93). Assim, segundo Arendt, a atividade do trabalho como labor e a atividade do trabalho como fabricação são duas atividades distintas, mas que na filosofia de Karl Marx estão homogeneizadas. Isto propiciou a contradição fundamental de todo o seu pensamento. O conceito de trabalho é concebido como uma “eterna necessidade imposta pela natureza”, entretanto, a revolução destina-se a emancipar o ser humano desta mesma atividade⁸. Marx, apesar de definir o ser humano como *animal laborans*, admite que mesmo a produtividade da atividade do trabalho como labor só tem início com a reificação⁹. Entretanto, ele continua convicto de que “*Milton produziu o Paraíso Perdido pela mesma razão que o bicho-da-seda produz seda.*” (ARENDR, 1997, p. 111).

PROCESSO METABÓLICO: A VALORIZAÇÃO DA VIDA BIOLÓGICA

Hannah Arendt salienta que uma das maiores descobertas de Karl Marx tenha sido a “força de trabalho” (*labor Power*) como mercadoria dispersa no mercado de trabalho. A atividade do trabalho como labor é a produtividade própria, a força humana que não se esgota depois que produz os meios de sua subsistência e que acaba produzindo, portanto, um excedente. A produtividade do labor se preocupa fundamentalmente nos meios da própria reprodução. Assim, a única finalidade da produção é produzir *ad infinitum* objetos de consumo: o princípio da utilidade cede espaço para o princípio da felicidade. Os ideais e valores do *animal laborans* estão no núcleo da questão, o centro deixa de ser o ser humano (*homo faber*) e passa a ser a vida biológica (*animal laborans*). A produção social passa a realizar o abastecimento da sociedade. A sociedade humana ou a humanidade socializada de Marx,

da coisa produzida - sua localização, sua função e a duração de sua permanência no mundo. A distinção entre um pão, cuja ‘longevidade’ no mundo dificilmente ultrapassa um dia, e uma mesa, que pode facilmente sobreviver a gerações de convivas, é sem dúvida muito mais óbvia e decisiva que a diferença entre um padeiro e um carpinteiro.” ARENDR, 1997, p. 105

⁶ Seus produtos são destinados ao consumo, sendo os mais necessários e os menos duráveis, os mais naturais e os menos mundanos, apresentando uma característica essencialmente privada, gregária e alheia ao mundo.

⁷ O labor manifesta-se em uma condição de efemeridade e naturalidade, enquanto que a fabricação, de durabilidade e artificialidade. O labor produz as condições sociais da vida, enquanto que a fabricação forma as condições sociais da durabilidade do mundo.

⁸ Conforme ARENDR, 1997, p. 143, o objetivo da revolução era a emancipação do ser humano em relação ao trabalho.

⁹ Marx utiliza-se, também, do termo *vergegenständlichen* para definir o conceito de trabalho, aproximando-o da atividade de fabricação. Entretanto, para Arendt, o que o exercício de tal atividade transforma ainda é matéria-prima e não uma coisa, propriamente dita.

para Arendt, era justamente a eliminação da lacuna entre existência individual e existência social do ser humano¹⁰. O ponto de vista social é, tanto na era moderna, como em Marx, o processo vital da humanidade. A ‘força de trabalho’ e a divisão do trabalho fomentaram a produtividade na era moderna substituindo a produção de objetos duráveis por objetos de consumo, surgindo, assim, a sociedade de consumidores. A divisão do trabalho (como labor) substituiu o artesanato pela produção em massa (ARENDR, 1997, p. 137). Esta, por sua vez, equacionou objetos de uso e objetos de consumo, destruindo a durabilidade das ‘coisas mundanas’ no ciclo infundável do metabolismo do ser humano com a natureza. A era moderna desenvolve o conceito de processo e ratifica a relevância do processo natural que passa a ser concebido, também, como um processo vital (ARENDR, 1997, p. 117). Segundo Arendt, podemos ver isto claramente na *Ideologia Alemã* (1846) (ARENDR, 1997, p. 118) onde a fertilidade do metabolismo do ser humano com a natureza é concebida como sendo o desenvolvimento das forças produtivas. Eis a ascensão da atividade do labor na era moderna¹¹.

Assim, podemos perceber que este processo vital da sociedade tende a delimitar a atividade do trabalho como labor, ou seja, como um processo metabólico do eterno ciclo vital da vida biológica. O processo vital, neste caso, é o esforço de reprodução da própria vida e da vida da espécie. O *labor Power*, portanto, é a característica essencialmente humana, conforme o naturalismo filosófico de Marx (ARENDR, 1997, p. 120). Segundo a pensadora alemã, tais concepções são evidentes na filosofia de Marx, já que ele define tal atividade fisiologicamente¹². Talvez, este reducionismo biológico nos possibilite compreender que a análise arendtiana concebe a antropologia filosófica de Marx como um materialismo naturalista. Materialista por influência dos economistas políticos anglo-saxões e naturalista por parte do evolucionismo de Charles Darwin. Afinal, é certo afirmar que tais influências estão profundamente arraigadas na filosofia de Karl Marx. Nesta simbiose conceitual a atividade do trabalho como labor está profundamente relacionada com o metabolismo da natureza. Assim, a “(..) *emancipação do trabalho, (...) equivale à emancipação da necessidade (...)*” (ARENDR, 1997, p. 143). Entretanto, a emancipação do labor não elimina o consumo, ao contrário, aumenta-o. Afinal, o processo vital automatizado aumenta a produção que, por sua vez, aumenta o consumo. A sociedade de consumidores, suavemente imersa em sua abundância e fertilidade dificilmente terá consciência de sua própria futilidade.

O SER HUMANO COMO ANIMAL LABORANS

Conforme Hannah Arendt, a era moderna, portanto, não distinguira “*o labor de nosso corpo e o trabalho de nossas mãos*”¹³, condicionando nossa humanidade para a de um animal que labora, “*aten-*

¹⁰ Aliás, sua categoria de auto-alienação era, justamente, uma alienação do sujeito singular frente a sua natureza social (*Gattungswesen*).

¹¹ Segundo ARENDR, 2009, tal ascensão inicia-se com Locke que o coloca como a fonte de toda a propriedade, desenvolve-se com Smith que o concebe como a fonte de toda a riqueza e atinge seu clímax com Marx, onde a origem de toda a produtividade é a expressão da própria humanidade em busca de abundância e felicidade.

¹² Conforme ARENDR, 1997, p.110, nota 34, esta definição está evidente nos livros de *O Capital*.

¹³ Alusão à distinção de Locke, manifesta por ARENDR, 1997, p. 90.

*dendo somente com o corpo as necessidades da vida*¹⁴”, enfim, escravizado pela necessidade, como os outros animais¹⁵. Assim sendo, na antiguidade tudo o que “os homens tinham em comum com as outras formas de vida animal era considerado inumano.” Já, na era moderna, o *animal laborans* é, no máximo, a mais desenvolvida espécie animal do planeta Terra¹⁶. Em suma, a era moderna, inverteu todas as tradições e substituiu o *animal rationale* pelo *animal laborans*. Para Arendt, tanto Adam Smith como Karl Marx foram dois grandes teóricos do assunto que perpassaram sob os problemas referentes ao *animal laborans* e o *homo faber*, fundamentando seus argumentos filosóficos nesta direção. Porém, fora Karl Marx quem enfaticamente pretendia substituir a definição de humano como um *animal rationale* para o *animal laborans*. Afinal, Marx afirmou ser o trabalho o elemento criador do ser humano e o fator fundamental que o distinguiu dos outros animais (ARENDR, 1997, p. 96-97). Entretanto, conforme Arendt, Marx concebia todo labor como trabalho e falava do animal que labora em termos mais adequados ao homem que fabrica¹⁷. Isto por que seu ponto central está na produtividade, na “força humana”, quiçá, especificamente, no excedente que não se esgota depois de produzir os meios de subsistência. O ponto de vista da era moderna e de Marx, essencialmente, é o social, é a sustentação do processo vital da humanidade, eliminando, assim, a distinção entre ofício e labor e concebendo todas as coisas como funções do processo vital - eis a humanidade socializada de Marx. Aliás, para Marx, não ter ciência de sua natureza social (*Gattungswesen*) nada mais é do que auto-alienação. Pois, a fertilidade e a abundância são garantidas se a reprodução da vida individual for absorvida pelo processo vital da espécie humana, assim, a humanidade socializada atenderá a sua própria necessidade (ARENDR, 1997, p. 128). Entretanto, Arendt salienta que a fertilidade e a socialização não eliminam o caráter privativo de nosso corpo. Enfim, “nem a abundância nem a redução do tempo gasto no labor resultarão no estabelecimento de um mudo comum (...)” (ARENDR, 1997, p. 129-130)”. O *animal laborans* socializado e liberto do trabalho, goza sua liberdade em atividades estritamente privadas e isoladas do mundo (ARENDR, 1997, p. 146). A humanidade socializada de Marx é uma sociedade de massa de operários da espécie humana isolados do mundo. O animal que labora não foge do mundo, mas dele é ejetado, pois está preso na privatividade de seu corpo e condicionado por suas necessidades. A sociedade de operários ou de consumidores realizou a emancipação da própria atividade do labor. Pois, conforme o ponto de vista social, o “(...) que quer que façamos, devemos fazê-lo a fim de ‘ganhar nosso próprio sustento’ (...)” (ARENDR, 1997, p. 139)”. Reduz-se, assim, todas as atividades humanas a um determinado fator comum: assegurar as condições necessárias para a manutenção da vida e produzi-las em abundância. Entretanto, conforme Arendt, “cem anos depois de Marx sabemos o quão falaz é este raciocínio: as horas vagas do animal laborans jamais são gastas em outra coisa senão em consumir (...)” (ARENDR, 1997, p. 146). O resultado da ocupação da atividade do labor na esfera pública

¹⁴ Referência a Aristóteles, manifesta por ARENDR, 1997, p. 90.

¹⁵ Arendt faz referência novamente a Aristóteles na *Política*. ARENDR, 1997, p. 94, nota: 9.

¹⁶ Neste ponto, ARENDR, 1997, p. 107, 108 e 109 utiliza coloca um problema sobre a relação entre labor e vida, onde a condição humana do labor devora até mesmo a durabilidade da vida em relação ao mundo e não em relação ao processo biológico. Como referência Arendt utiliza a diferenciação aristotélica de vida como *bios* (biografia) em contraposição à vida como *zoe* (animalidade).

¹⁷ Segundo ARENDR, 2009, p. 98, Nota: 15., esta confusão está saliente em A ideologia alemã e o terceiro volume de O capital.

é a cultura de massas, isto é, a infelicidade universal, a universal exigência de felicidade e a infelicidade tão comum na sociedade¹⁸.

Para Arendt, a filosofia do trabalho de Marx coincide com o evolucionismo Darwinista em relação ao conceito de processo. O processo vital de desenvolvimento da vida orgânica, de um lado, e o desenvolvimento histórico de um processo vital da humanidade, de outro (ARENDR, 1997, p. 128-129). Segundo ela, a introspecção na filosofia e os processos metabólicos nas ciências naturais reforçaram a relevância do processo vital biológico de nosso corpo e do labor como sua atividade correspondente. Assim, o ser humano se distingue dos outros animais não pela imaginação no exercício do ofício, mas, por produzirem seus meios de subsistência (ARENDR, 1997, p. 111).

REFLEXÕES SOBRE A CRÍTICA DE HANNAH ARENDT AO CONCEITO DE TRABALHO DE KARL MARX

Além das filosofias divergirem, Marx e Arendt estão distantes também por uma questão histórica¹⁹, porém, ambas as filosofias políticas podem nos auxiliar a compreender o mundo do trabalho, fundamentalmente, quando propusemos tal tema sob a ótica de uma razão dialógica. Cabe salientar, portanto, que o objetivo de nossa tarefa é essencialmente reflexivo e não (de)finitivo. Não se trata de decretar ou legitimar um vencedor e um perdedor, mas de refletir sobre as análises de dois grandes pensadores dos dois últimos séculos, alicerces de nossa era moderna. O ponto nevrálgico da questão reside no conceito de trabalho. Para facilitarmos a explanação, a crítica de Arendt fora destrinchada em três partes: indistinção entre a atividade do labor e da fabricação, valorização da vida biológica e concepção do ser humano como *animal laborans*. Passamos a examiná-las.

Definitivamente não há em Marx uma evidente distinção entre a atividade do trabalho como labor e a atividade do trabalho como fabricação. Ambas as atividades estão reunidas em uma única ideia, trabalho. Isto por que não há, em Marx, separação entre força física de trabalho e força mental de trabalho. As atividades agrícolas, por exemplo, necessitam de um dispêndio mental, assim como físico. O *labor power*, isto é, a força humana de trabalho, para Marx, mais do que uma atividade geradora da própria vida, meramente natural, é uma atividade que necessita das faculdades físicas e mentais para ser realizada. Na filosofia de Marx não há uma dicotomia entre o mundo humano e o mundo natural, o que não significa dizer que ambos coincidem. A questão é mais complexa, pois, há uma relação dialética entre natureza e realidade humana, onde a realidade social incorpora a natureza ao negá-la. Assim, o conceito de trabalho, em Marx, não é uma atividade estritamente natural, mas, um processo social que pressupõe a natureza como sua condição indispensável. Vejamos, por exemplo, o método

¹⁸ Sobre esta “infelicidade universal”: “(...) de um lado a perturbação do equilíbrio entre labor e consumo e, de outro, à persistente exigência do animal *laborans* de perseguir uma felicidade que só pode ser alcançada quando os processos vitais de exaustão e regeneração, de dor e de alijamento de dor, estão em perfeito equilíbrio.” ARENDR, 1997, p. 146.

¹⁹ Devemos estar cientes do abismo histórico que há entre as filosofias de Karl Marx e Hannah Arendt. Ele disserta a partir de um século XIX marcado pelo desenvolvimento das ciências naturais, pela ascensão do progresso, pelo desenvolvimento do sistema capitalista industrial e pelo expansionismo do imperialismo nacionalista. Dirigindo-se para o futuro, conserva o otimismo. Ela, um século depois, visualiza uma era marcada pelas experiências totalitárias e pela perda do mundo em comum, a privatização da esfera pública por parte do labor. Tendo como referência o passado, conserva a cautela.

utilizado por tal pensador na explanação de suas ideias²⁰. É óbvia a influência de Darwin na filosofia de Marx, entretanto, sua metodologia fora extraída da dialética hegeliana. A abordagem metodológica no desenvolvimento de suas categorias dá-se dialeticamente: como resultado nas ciências positivas produzidas pela teoria e pelo desenvolvimento histórico efetivo dos seres humanos (MÉZSÁROS, 1987, p. 177). Ou seja, na dialética entre mundo humano e mundo natural, o segundo é incorporado e superado (*aufhebung*) pelo primeiro. O mesmo ocorre com o conceito de trabalho, ele não é abolido, mas incorporado e superado. Assim, a dialética entre natureza e cultura é o desenvolvimento histórico e social do real. O ser humano, desta forma, não está imerso em um processo metabólico, pois o exercício de tal atividade modifica a natureza e a transforma para si, gerando uma realidade social que engloba e modifica a própria natureza²¹. Tanto no *Capital* como nos *Manuscritos*, podemos perceber que a atividade do trabalho não apenas transforma e modifica a natureza como também cria um novo mundo, artificial²². O processo do trabalho, portanto, detém características genuinamente humanas, longe de um mero processo natural. Marx removera da *A Ideologia alemã* um pequeno trecho que poderia esclarecer muitas questões em torno da relação entre trabalho e natureza²³. Assim, ratifico a relevância de não negligenciar o método dialético no pensamento de Marx, pois isto causará a falsa impressão de que há em sua filosofia uma simples homogeneização entre natureza e cultura no fundamento conceitual da atividade do trabalho, assim como aproximará seu pensamento de um “materialismo

²⁰ É fundamental salientar que Marx nunca escrevera uma obra descrevendo sua metodologia, entretanto, filosoficamente, é inegável sua influência advinda da lógica dialética especulativa hegeliana.

²¹ O desenvolvimento deste raciocínio é exposto por Ramalho, 2009, p.3 e 6. Mais precisamente nas seguintes passagens: “Em Marx não há esta dicotomia que existe na filosofia de Hanna Arendt entre mundo humano e natureza. Mas isso não significa que a natureza e a realidade social dos homens coincidam. Pelo contrário, para Marx o mundo natural é parte integrante da realidade humana, está inscrito nela, mas é incorporado e superado (*aufhebung*) por esta realidade. Assim, há em Marx uma relação recíproca dialética entre a natureza e a realidade humana, na qual a realidade social incorpora a natureza ao negá-la. O processo de trabalho não é, portanto, em Marx um processo estritamente natural, mas um processo social que pressupõe a natureza como sua condição indispensável. Os aspectos naturais envolvidos no processo de trabalho, desse modo, atendem às necessidades e intenções humanas e não subsistem como processos cíclicos alheios à realidade humana, como ocorre para Arendt. O homem, ao trabalhar, modifica a natureza e transforma-a para si, de modo a constituir uma realidade social totalizante que engloba a natureza como sua condição indispensável, mas modificada. Vejamos as citações”. E, “Ao trabalhar a terra, por exemplo, e desgastar sua força física de trabalho, o homem utiliza e desgasta também suas operações mentais, ele prevê, observa, supõe, calcula o terreno, etc. Da mesma maneira, o homem, ao gastar sua capacidade e suas potencialidades espirituais de trabalho, por exemplo, pintando um quadro, não só imagina, concebe, lembra etc., mas também precisa de destreza nas mãos, força nos punhos, equilíbrio no corpo para ficar em pé, etc. A força humana de trabalho para Marx é “o conjunto das faculdades físicas e mentais”. Desse modo, ela não está destinada a “ser utilizada para a reprodução de mais de um processo vital” e a reproduzir apenas “vida”. Muito pelo contrário, para Marx o desgaste da força humana de trabalho é um desgaste que pressupõe algo mais que a mera naturalidade do homem, pressupõe toda a elaboração complexa da humanidade do homem, pressupõe a divisão do trabalho, o nível do desenvolvimento das forças produtivas, a configuração das relações sociais de produção vigentes e que o trabalhador possa controlar as ocorrências dos processos naturais, uma vez que sua força de trabalho está inscrita no desenvolvimento histórico do trabalho humano.”

²² Ver sobre o trabalho alienado em MARX, 2004.

²³ O trecho relatado evidencia que o interesse de Marx e Engels não era em relação à ciência natural ou história da natureza, mas sim, a história dos homens. MARX, K. & ENGELS, 2007, p. 86, Nota d. Outro ponto relevante a se considerar sobre a relação entre trabalho e natureza no pensamento de Marx é o artigo de Ramalho, 2009.

vulgar”, afastando-o de uma filosofia da *práxis*. Tal indistinção na filosofia de Marx ocorre por que ele não parte da ideia aos fatos, mas das “ (...) condições de viver para fazer história” (MARX E ENGELS, 2007, p. 33). Aliás, há na filosofia de Karl Marx, uma ciência, a história, esta pode ser considerada por dois lados, diferenciada em história da natureza e em ciência dos seres humanos, uma história da natureza e uma história da humanidade (KRADER, 1987, p. 266-267). Mas, deste modo, entraremos em outra questão que, no momento, não nos cabe aprofundarmos. Voltando. O conceito de trabalho, para ele, está sempre condicionado historicamente, ou seja, tal atividade está sujeita a transformações históricas que transfiguram sua própria natureza. Marx e Engels, em *A Ideologia alemã*, descrevem a passagem do artesão medieval, que domina por inteiro seu ofício (como um artista), para o trabalhador moderno, “para quem seu trabalho é indiferente” (KRADER, 1987, p. 45). Tal atividade exercida pelos seres humanos não é concebida, portanto, tão somente em sua relação com a natureza, mas, fundamentalmente, em um contexto histórico-social dado e em dadas condições de vida existentes. Assim, podemos observar que uma coisa é sua forma remunerada na economia nacional, sua manifestação histórica e social, *Erwerbstätigkeit* (MARX, 2008, p. 30). Outra coisa é o elemento ideal que se realiza no processo do *facere*, como uma ideia, um planejamento, *Vorstellung* (MARX, 1962, p. 193). Na era moderna, a atividade do trabalho como auto-atividade aparece, portanto, como um meio, enquanto que a produção da vida material, aparece como um fim. Isto é, são duas diferentes manifestações de uma mesma atividade, que na era moderna se encontram separadas (MARX, 2007, p. 73-74). A atividade do trabalho, na era moderna, é o trabalho alienado, o *animal laborans*, pois o operário moderno não transcende o simples fato de estar vivo. Entretanto, caso pensarmos em tal conceito, o trabalho, dialeticamente, perceberemos, em Marx, a ideia de um trabalho livre, de produtores associados, “uma forma de atividade comparável a atividade lúdica; (...) expressão da auto-realização autônoma” (NEGT, 1982, p. 132). Neste caso, o relevante não são as ciências positivas, no plural, as ciências naturais, os materialistas ‘puros’ que operam um exame pela observação, mas um processo dialético que capta o “(...) imensamente rico processo de vida ativa (...)” (MÉSZÁROS, 1987, p. 177). Isto ocorre por que esta relação dialética é atravessada pela atividade do trabalho, a concepção de um ser humano efetivo na qual este ser estabelece as condições de possibilidades de sua existência. E é justamente tal relação dialética que estabelece como condição *a priori*, a história e não a biologia. Percebe-se também que o problema central da questão é tanto gnosiológico quanto ontológico. Isto é, refere-se tanto ao conhecimento (dividido na produção em nome da especialização) quanto ao “estranhamento” (a alienação em relação aquilo que se produz e a si mesmo). Seja como for, o ponto chave para a compreensão da filosofia de Karl Marx é a metodologia dialética utilizada por ele. Ela, a dialética, não fragmenta, separa, decompõe ou isola o objeto. O método dialético concebe um ser cognitivo que alcança a totalidade do objeto. Recordando que, para ele, as categorias de universalidade e totalidade não são concebidas como princípios abstratos, mas como bases da existência real e tratadas como formas de existência (*Daseinsformen*). Elas se articulam e dependem de plena apropriação “como a produção de uma totalidade de faculdades nos indivíduos, unida a explicitação de uma totalidade de forças produtivas e de instrumentos de produção na trama de um intercâmbio universal” (MÉSZÁROS, 1987, p. 163-165). O problema central, portanto, é o da separação da filosofia e da vida real, uma contradição interna que “não conseguiu até agora realizar sua potencialidade de desenvolver a totalidade das faculdades

dos indivíduos através da apropriação da totalidade das forças produtivas sob seu controle coletivo" (MÉSZÁROS, 1987, p. 166). Em suma, o que se percebe não é uma valorização da vida biológica, mas "*uma concepção dialética do desenvolvimento histórico real*" (MÉSZÁROS, 1987, p. 179).

A análise arendtiana parece estar embebida nos pressupostos marxistas da social-democracia alemã, especialmente, Karl Kautsky (SALVADORI, 1982, p. 304-305)²⁴. Isto se deve ao fato de que em sua análise fora dissolvida a dialética revolucionária e a filosofia da *práxis* em lugar de uma teoria do desenvolvimento econômico, negligenciando, assim, teóricos marxistas como Luxemburgo, Gramsci, Korsch, Pannekoek e Lefebvre (JAY, 2000, p. 159). Na metodologia dialética marxista o sujeito do conhecimento é ilimitado. Tal infinitude não se refere tão somente a sua individualidade singular e concreta. O sujeito do conhecimento, conforme o método dialético na filosofia de Karl Marx, não é a consciência individual isolada. O que, por outro lado, não significa negar a sua existência, sua particularidade. E, muito menos, concebê-la unilateralmente em sua animalidade. Para compreendermos a ideia que o conceito de *Gattungswesen* expressa na filosofia de Marx devemos retomar sua crítica aos "materialistas puros", mais especificamente, à Feuerbach. Neste pensador, a essência humana está contida "*somente na comunidade, na unidade do homem com o homem, uma unidade que se apoia apenas na realidade da diferença entre Eu e Tu*" (MARX E ENGELS, 2000, p. 79). Isto é, para ele, cada singularidade humana contém em si o gênero humano. Ideia, esta, absorvida por Marx, mas que, conforme Marx, ainda está imersa na teoria, na generalização da espécie. Tanto para Feuerbach quanto para Marx, a matéria precede a ideia. Entretanto, no primeiro, a essência humana é manifesta pela abstração, enquanto que, no segundo, ela é manifesta na efetividade humana, como conjunto das relações sociais (MARX E ENGELS, 2000, p. 538). A humanidade socializada busca conciliar os direitos do homem e os direitos do cidadão, promovendo, assim, a emancipação humana. Neste caso, não se trata, única e necessariamente, de garantir a sustentação do processo vital da espécie, mas de redefinir e fundamentar a liberdade não como uma limitação que há entre um ser humano e outro, onde este outro não é realização de minha liberdade, mas a restrição dela (MARX, 2010, p. 49). Muito menos de reduzir o político ao social, mas de suprir os grilhões da necessidade e rumar à plena liberdade, ao desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo. Isto é, não se trata, de compreender se Marx fora favorável ou não à democracia. Pois, para ele, o que importa é a emancipação humana, a pela liberdade, coisa que a democracia não pode proporcionar.

O propósito deste artigo consistiu, portanto, em considerar e refletir sobre algumas interpretações de Hannah Arendt a respeito do conceito de trabalho na filosofia de Karl Marx. Ela sustenta que tal conceito, elaborado pelo filósofo comunista alemão, fundamenta-se em pressupostos fatalistas e biológicos. Entretanto, concebemos que tal inferência somente pode ser extraída de seu

²⁴ Conforme Salvadori, Kautsky desenvolveu um materialismo sem conhecimento da dialética e de Hegel, coisa que permaneceu, para ele, algo obscuro e secundário até o final de sua obra. "*O que o marxismo e o darwinismo tinham em comum, segundo Kautsky, era o fato de ambas serem teorias da evolução. Darwin, por seu lado, fornecera os instrumentos para acertar contas definitivamente, com qualquer concepção espiritualista ou idealista, e para fundar um materialismo não estático, abstrato, mas capaz de explicar as estruturas da realidade como organismos, frutos de um desenvolvimento e abertas a um desenvolvimento em permanente evolução*". SALVADORI, 1982, p. 304-305

pensamento, se, e somente se, não nos detivermos sobre seu método dialético e sua relevância para o *corpus* teórico de Karl Marx. Pois, caso assim for, estaremos fadados a negligenciar a *práxis* e a reduzir sua filosofia à um determinismo biológico que concebe o ser humano tão somente como um animal que labora. Compreendemos, portanto, que Arendt ao desconsiderar a metodologia (as lentes para ver o mundo) de tal autor, acabara por preterir a dinâmica conceitual de sua filosofia, concebendo-a como sendo confusa e que, seria melhor revelada, caso os conceitos fossem fragmentados, compartimentados e catalogados dentro de uma estrutura semântica diferenciada (YOUNG-BRUEHL, 1997, p. 255). Porém, para Marx, o animal trabalhador ainda está sob o jugo da alienação e somente realizará sua verdadeira essência quando sua atividade for superada (*aufhebung*). Assim sendo, a questão, para ele, mais do que antropológica, era ontológica. Obviamente nosso interesse não fora o de provar a veracidade de um e a falsidade de outro, mas sim, provocar uma reflexão, trazer à luz alguns questionamentos e produzir um profícuo aprofundamento para a filosofia política.

REFERÊNCIAS

ARENDR, H. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

JAY, 2000. In: BIRULES, F. (org.) **Hannah Arendt: El orgullo de pensar**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2000.

KRADER, L. **Evolução, revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico**. In: HOBBSAWM, E. (Org.). *História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx*. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, RJ, 1987.

MARX, K. **Manuscritos Economico-filosófico**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. **Das Kapital: kritik der politischen Ökonomie**. Buch I: Der Produktionsprozeß des Kapitals. In: Karl Marx & Friedrich Engels: werke. Berlin, Institut Für Marxismus-Leninismus Bein ZK der sed, 1962.

MARX, K. & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes, Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉZSÁROS, I. **Marx 'filósofo'**. In: HOBBSAWM, E. (org.). *História do marxismo: o marxismo no tempo de Marx*. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, RJ, 1987.

NEGT, O. O marxismo e a teoria da revolução no último Engels. In: HOBBSAWN, E. **História do marxismo: volume II, o marxismo na época da segunda internacional**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.

RAMALHO, J. S. **Hannah Arendt versus Marx: uma defesa de Marx frente a crítica arendtiana**. Prometeus Filosofia em Revista Ano 2 - n. 4, jul.-dez., 2009. ISSN: 1807-3042 77.

SALVADORI, M. L. Kautsky entre a ortodoxia e o revisionismo. In: HOBBSAWN, E. **História do marxismo:** volume II, o marxismo na época da segunda internacional. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.

YOUNG-BRUEHL, E. **Por amor ao mundo:** a vida e a obra de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.